

Uma história real

Pseudônimo: “Senhor Ajuntador de Histórias”

Esta é uma história absolutamente real, que eu certa vez protagonizei.

Com contornos pitorescos, beirando ao hilário, mas que bem demonstra até que ponto pode ser levada a boa fé de uma pessoa.

Corria o ano de 1968, quando eu fui designado para chefiar uma Volante a ser instalada em Guaira.

Chegando na cidade, ficamos alojados no Hotel Sete Quedas, naquela época, o melhor da cidade, e ali nos reunimos à equipe de funcionários locais.

Desde a nossa chegada, desabou um temporal, o que nos obrigou a desenvolver o nosso trabalho no próprio hotel, e ali reunidos não tardaram a aparecer as gozações, os apelidos e tudo era motivo para se tirar um “sarro” um do outro.

Vale registrar que entre a turma local, havia um, que era mestre em colocar apelidos e fazer chacota de tudo e de todos. Por essa razão, resolvemos que ele precisava levar uma boa gozada e aqui, vou chamá-lo de H. Pito.

Assim, num começo de manhã, disse-lhe que havia ganho uma porquinha e que não tinha um lugar para colocá-la.

Prestativo como ele só, ofereceu-se para ir até a sua casa onde iria construir um pequeno chiqueiro para acomodar minha porquinha.

Assim foi feito. Sob uma chuva torrencial ele foi para casa e deu início à tal construção.

No fim da tarde, volta ele faceiro, de banho tomado, mais lampeiro e alegre que pinto no lixo, vem nosso colega para levar a porquinha e colocá-la no chiqueiro recém construído.

Quando ele me perguntou onde estava a porquinha, eu, com a cara mais compungida do mundo, e pedindo desculpas por não ter trazido também o parafuso, coloquei a mão no bolso, de onde tirei uma pequena porca de metal e solenemente coloquei-a sobre a mesa.

A princípio, H. Pito não estava entendendo nada, mas quando a turma desandou em gargalhadas é que ele pode perceber a gozação;

primeiro, ficou absolutamente sério, mas, aos poucos foi ficando vermelho e depois quase apoplético, para em seguida, passar a mão na “porquinha” e com um enorme urro, arremessá-la contra a parede.

Depois, com a mesma fúria de um tufão, abandonou a sala e em seguida o hotel e só fomos encontrá-lo dois dias depois quando voltou a trabalhar, ainda jurando ir à forra.

Passada a raiva, as coisas iam voltando ao normal, mas que ninguém ousasse olhar para ele e juntar os dedos indicador e polegar, dando idéia de uma porca.

Poucos dias depois, com o nosso serviço concluído na cidade, voltamos para a sede da Delegacia.

Dias depois, com nova Volante, fomos mandados para Nova Aurora, cidade pequena bem próxima da Sede, onde ocorreu outro fato, que também merece ser relatado.

Mas essa história fica para a próxima vez.